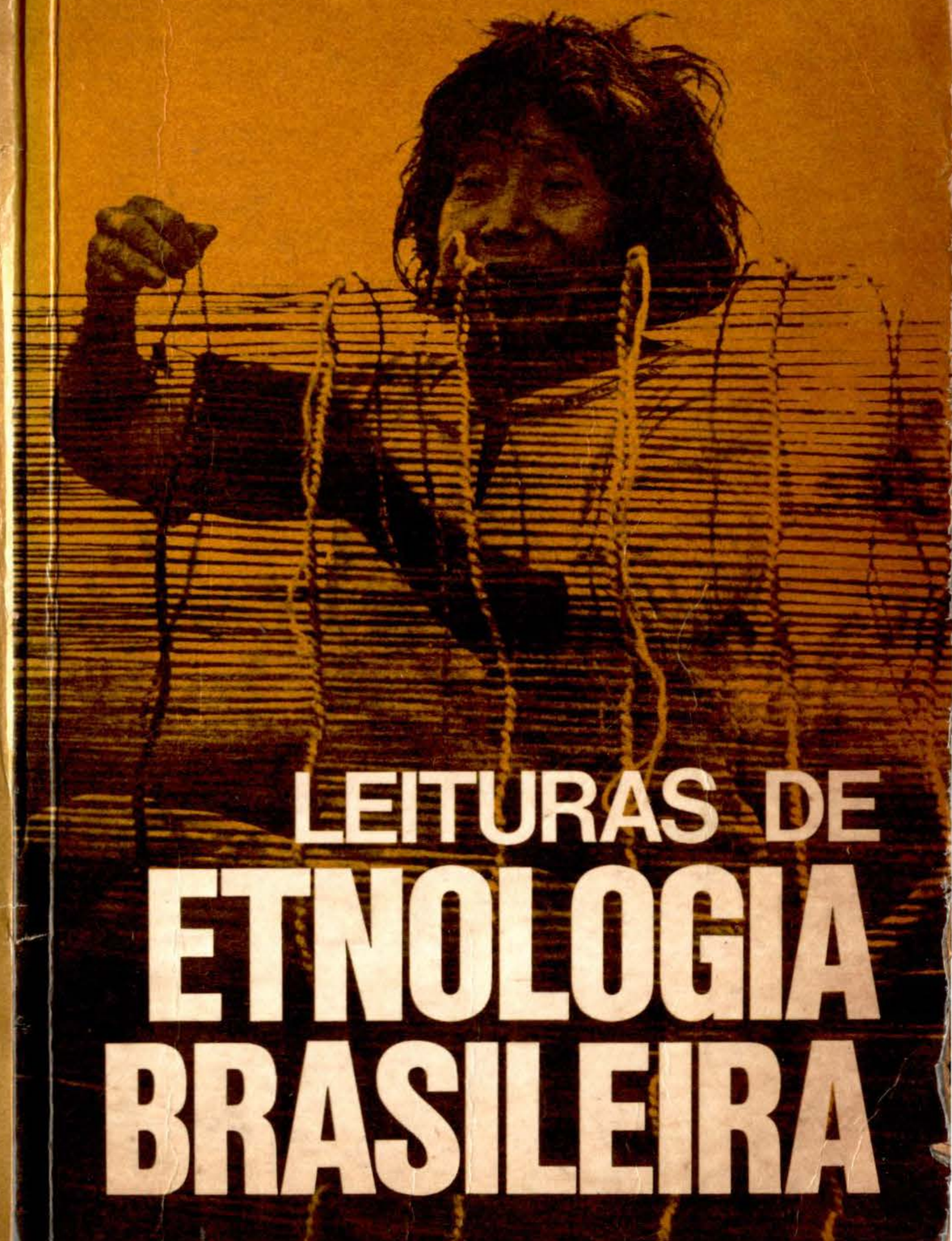
companhia
editora
nacional

EGON
SCHADEN

LEITURAS DE ETNOLOGIA BRASILEIRA

EGON SCHADEN



LEITURAS DE ETNOLOGIA BRASILEIRA

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

SINAIS E MARCOS DE ORIENTAÇÃO E ADVERTÊNCIA INDÍGENAS

PROTÁSIO FRIKEL (*)

Também o natural das selvas faz uso, em seus sertões inóspitos, de sinais orientadores para a indicação de caminhos, viagens e outros fins. De certa maneira, constituem eles uma forma direta, embora bastante primitiva, de transmissão de mensagens, quer com sentido amistoso, quer hostil. Darei aqui algumas informações sobre esses sinais, que fiquei conhecendo entre os índios Kachúyana, tribo karaíb já bem dizimada do rio Trombetas, bem como as explicações que a respeito obtive dos próprios silvícolas.

Entre esses sinais podem-se distinguir duas categorias: 1.º Sinais puramente indicativos de caminhos, referentes exclusivamente à orientação de vias ou rumos a serem tomados. São o *osma yatótpere* e o *skarkátpere* ou *tskarkátpere*. 2.º Sinais informativos pessoais, ou seja, sinais que simbolicamente representam pessoas e que, antes do mais, informam sobre elas, podendo, contudo, não excluir o sentido da orientação de caminhos. São os *kukúru*.

1. *Sinais indicativos de caminhos*

Existem duas espécies de sinais de orientação, feitos, principalmente na mata, por meio de galhos ou pequenos arbustos quebrados — o *osma yatótpere* e o *skarkátpere*, respectivamente — e usados

(*) Protásio FRIKEL, "Sinais e marcos de orientação e advertência indígenas", *Revista de Antropologia*, v. IV, 1956, São Paulo, p. 103-110. Reproduzido com autorização do autor.

tanto nas viagens como nas caçadas, ou seja, sempre que os índios andam em grupos separados. Os que vão na frente marcam o rumo e os que o seguem podem, desta forma, encontrar com facilidade o caminho certo ou os companheiros que os precederam.

a) *Osma yatótpere*. É empregado onde existem picadas ou trilhos de caça ou caminhos de comunicação entre as malocas. Podemos considerá-los adequadamente como um sinal de fechamento ou trave feito nas encruzilhadas ou nas bifurcações dos caminhos; como um sinal negativo de orientação que indica por onde não se deve transitar. Quebra-se um galho mais ou menos grosso ou corta-se uma árvore fina de modo a que atravesse o caminho errado, fechando-o. Quem segue atrás fica orientado e sabe que deve tomar o caminho "aberto".

b) *Skarkátpere*. Enquanto o *osma yatótpere* é sinal de orientação em caminhos existentes, o *skarkátpere* o é na mata virgem, onde não existem trilhos. Assim, por exemplo, no ponto em que o caçador abandona a vereda de caça, primeiramente "fecha" o caminho com o *osma yatótpere,* indicando que aí terminou a sua marcha e que se desviou da vereda. A seguir, à medida que vai caminhando, vai quebrando um galho ou arbusto pequeno, de forma que a ponta quebrada indique o rumo de sua marcha. Este sinal é sempre feito quando se muda de rumo. Mas mesmo perfazendo trechos em linha reta, quando longos, de tempo em tempo se renova o *skarkáptere*. O caçador indígena está tão acostumado a usar este sinal que não se esquece de realizá-lo mesmo correndo atrás da caça — porco, anta ou o que quer que seja. O *skarkátpere* tem, assim, dupla finalidade: é um marco para os companheiros que vêm atrás, permitindo-lhes seguir as pegadas com facilidade, e é também sinal de indicação de rumo para o próprio caçador em seu regresso, quando se aventura em zona nova e desconhecida.

Querendo-se mais uma vez destacar a relação entre estes dois tipos de sinais, pode-se dizer que o *osma yatótpere* é um indicador de caminhos e estradas em áreas habitadas e conhecidas, enquanto o *skarkátpere* é, antes do mais, sinal de rumo em território sem caminhos.

2. *Os* kukúru

Um complexo de sinais de orientação um tanto diferentes e que se relacionam, principalmente, com pessoas ou suas atitudes, são os *kukúru,* termo que significa: imagem, figura, símbolo ou simplesmente sinal. Servem estes *kukúru,* em primeiro lugar, para uma orientação em sentido amistoso, sendo, em geral, convidativos. Entre eles se encontra o chamado *prêhnó kukúru,* o "sinal da gente" ou "figura

simbólica da gente", que por sua vez tanto pode ser um *totó-kukúru,* figura ou símbolo de homem, como um *worêdz.-kukúru,* figura de mulher. De outro lado, porém, existem, baseadas nestes mesmos conceitos de *kukúru,* expressões de uma atitude hostil ou, melhor, sinais de advertência ou ameaça. São o *prauwe-kukúru,* o sinal da flecha, e o *kami-kukúru,* o sinal de sangue, de que existem duas variantes: o sinal de sangue grande e o pequeno.

a) OS "KUKÚRU" CONVIDATIVOS

Os *kukúru* consistem em paus ou varetas, mais ou menos retas e lisas, às vezes descascadas, de cerca de 1 m de comprimento, e que são fincadas no chão no meio do caminho, na porta, à frente ou mesmo dentro da casa. A vara simboliza a pessoa ou "gente", sem distinção de sexo, idade ou número. Donde seu nome mais genérico de *prêhnó-kukúru* ou "sinal, figura, símbolo de gente". No uso corrente, cada vara eqüivale a um indivíduo. Querendo-se especificar o número de pessoas, usam-se varetas em quantidade equivalente. Conforme o sexo: uma vara simples, lisa, significa "homem". É, então, *totó-kukúru,* ou seja, símbolo, figura, sinal de homem. Um *kukúru* amarrado pelo meio com uma fibra de folha de palmeira, simboliza a mulher. O sinal assim diferenciado chama-se, então, *worêdz.-kukúru,* ou seja, figura simbólica de mulher. Pode bem ser que esta diferenciação pela folha de palmeira provenha do costume de, em viagem, ser a mulher índia quem carrega o panacu ou jamachim, feito de palha, de sorte que a palha nas costas se teria tornado a expressão típica da mulher viajante. As crianças em geral não são indicadas ou, se crescidas, são mencionadas segundo a forma já relatada, como homens ou mulheres. Se houver necessidade de especificar as crianças com precisão, fincam-se junto ao grande *worêdz.-kukúru* outras varetas, *totó-kukúru* ou *worêdz.-kukúru* pequeninos, conforme seu número, o que é interpretado como a mãe com os respectivos filhos, meninos ou meninas.

Digno de menção é ainda o modo pelo qual esses *kukúru* são fincados. Verticais, significam que as pessoas em apreço estão presentes e se acham perto, na redondeza. Inclinados, porém, indicam a direção do local em que as pessoas representadas se encontram e devem ser procuradas.

O *prêhno-kukúru* pode, por vezes, expressar a idéia de coletividade ou totalidade (principalmente nos sinais de advertência, como veremos). Neste caso, usa-se uma vara ou pau mais grosso, de cerca de 10 a 20 cm de diâmetro, que exprime a idéia de casa, clã, tribo, conjunto de homens, guerreiros, etc.

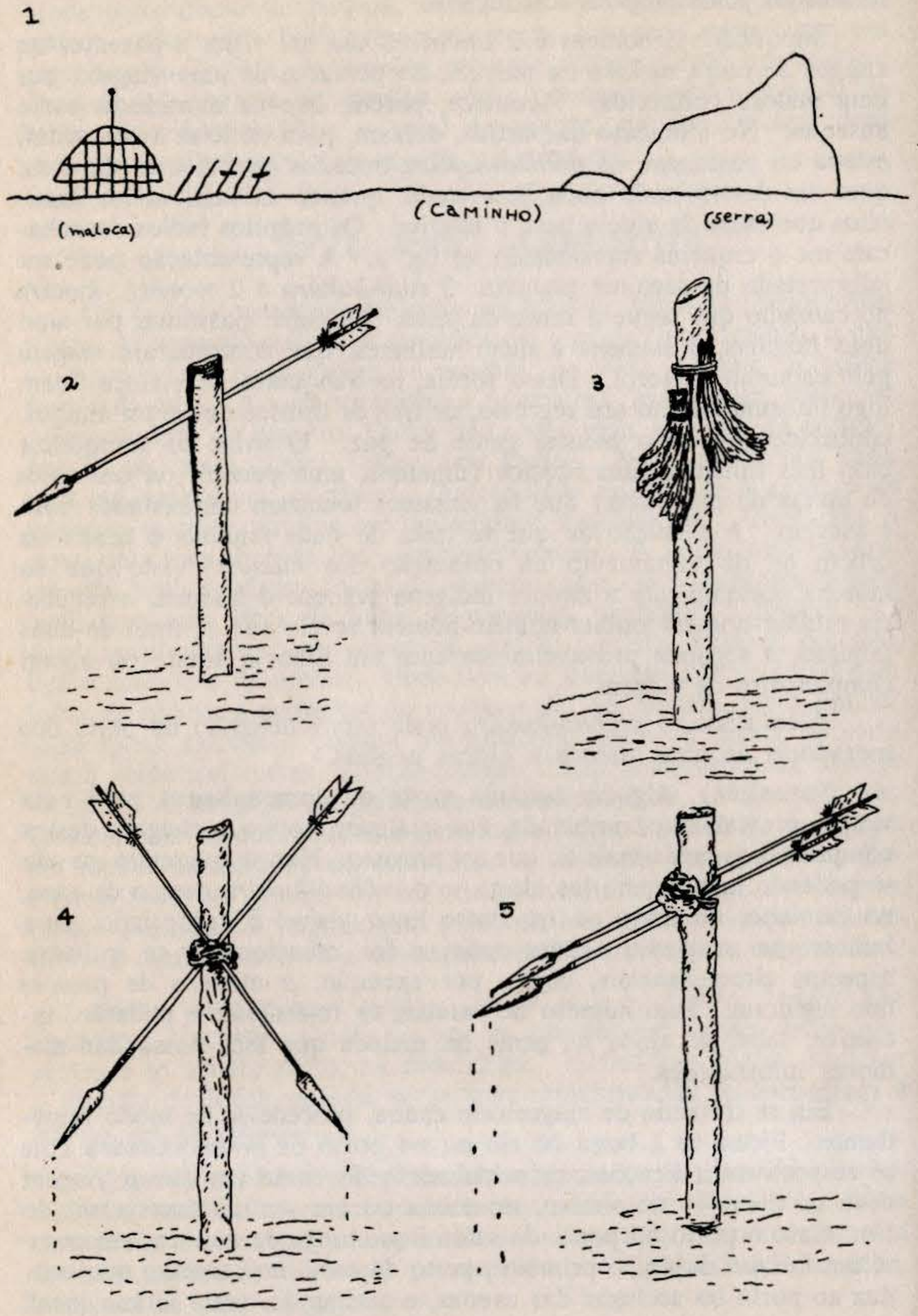
Apresentaremos agora alguns exemplos práticos, explicativos, fornecidos pelos próprios Kachúyana.

Suposição: 3 homens e 2 mulheres vão em visita a parentes ou amigos de outra maloca ou passam, no percurso de uma viagem, por uma maloca conhecida. Acontece, porém, que os moradores estão ausentes. No momento da partida, deixam, para noticiar a sua visita, estada ou passagem, os *prêhnó-kukúru* fincados quer dentro da casa, quer em determinada boca de estrada, quando existem vários caminhos que saem da aldeia para o interior. Os próprios índios desenharam-me o esquema reproduzido na fig. 1. A representação pode ser interpretada da seguinte maneira: 3 *totó-kukúru* e 2 *worêdz.-kukúru* no caminho que segue o rumo da serra. Ou seja: passaram por aqui duas famílias, 3 homens e duas mulheres, que continuaram viagem pelo caminho da serra. Dessa forma, os habitantes da maloca ficam logo informados, em seu regresso, de que os transeuntes eram amigos, conhecidos ou, pelo menos, gente de paz. O aviso os tranqüiliza caso lhes faltem alguns objetos (digamos, uma peneira ou uns rolos de massa de mandioca) que os viajantes tomaram emprestados para a viagem. A dedução de que se trata de duas famílias é tirada da ordem ou do seguimento na colocação dos *kukúru.* Visto que na marcha normalmente a mulher indígena precede o homem, a seqüência mulher-homem-mulher-homem-homem revela que se trata de duas famílias, a segunda provavelmente com um filho já adulto ou algum companheiro de viagem.

Além disso, o *prêhnó-kukúru* pode servir de aviso da parte dos moradores de uma maloca a outras pessoas.

Suposição: Alguém aguarda visita ou companheiros para uma viagem previamente combinada. Por qualquer motivo, a chegada desses companheiros tarda mais do que foi previsto. Não se querendo ou não se podendo mais esperá-los, deixa-se o *prêhnó-kukúru* dentro de casa, no caminho, no porto ou em outro lugar visível e apropriado, para indicar que se partiu e para onde se foi, mencionando-se inclusive aspectos circunstanciais, como, por exemplo, o número de pessoas que seguiram. Pelo número de varetas, os retardatários poderão, inclusive, saber se ainda há gente na maloca que lhes possa dar melhores informações.

Em se tratando de viagem em canoa, procede-se de modo semelhante. Ficam-se à beira do rio ou no porto os *prêhnó-kukúru* com as respectivas indicações, principalmente do rumo em que a viagem deve ser feita — rio-abaixo, rio-acima ou em sentido transversal do rio. Caso o porto ou ponto de saída fique longe da maloca, emprega-se um *kukúru* duplo: o primeiro, perto da casa, no caminho que conduz ao porto ou ao lugar das canoas, e o segundo, neste último local.



Ou então, fecham-se todos os caminhos por meio do *osma yatótpere,* excetuando-se aquele que vai ter ao porto das canoas (que fica desimpedido, "aberto"), lugar onde depois se encontra nova orientação na forma de outros *kukúru* mais explícitos.

O *prêhnó-kukúru* também pode ser de importância no caso da aproximação de estranhos. Suposição: Avistam-se índios (ou civilizados) desconhecidos no porto. Se forem notados a tempo pelos moradores da maloca distante, a reação pode ser de dois tipos. Supondo-se que a visita seja de paz, não havendo, portanto, motivo para alarma, as coisas se passam sem maiores conseqüências, permitindo-se a aproximação dos forasteiros. Se, porém, os desconhecidos são numericamente superiores e se se observa em sua atitude algo inquietante, receando-se encontros desagradáveis, em geral se opta por uma retirada estratégica, quer desaparecendo simplesmente na mata virgem, quer, o que é mais freqüente, refugiando-se em maloca vizinha de parentes, para maior conforto e segurança. Não havendo na retirada nenhuma intenção hostil, mas simples precaução, e desejando-se, apoiado no reforço da maloca vizinha, entrar em contacto com os estranhos, falar ou até mesmo negociar com eles, finca-se no chão o respectivo sinal, na boca da estrada que conduz ao lugar em que se encontram no momento. As mais das vezes é esse sinal um *prêhnó-kukúru* coletivo, um pedaço de pau roliço, meio grosso, do comprimento de um *kukúru* comum, o qual, por sua grossura, expressa a idéia de coletividade (casa, tribo etc.). Tal sinalização revela que, se os estranhos forem pacíficos, poderão seguir o caminho indicado e encontrar a gente toda naquela maloca. Mas que, se agirem de má fé, deverão contar com a resistência de toda a tribo. Para demonstrar a boa intenção de sua parte, "fecham" todos os caminhos secundários ou bifurcações com os *osma yatótpere,* deixando aberto apenas o caminho certo. Em tais casos, os forasteiros podem prosseguir sem medo ou receio de cilada, pois se trata de sinais amistosos, convidativos.

b) OS "KUKÚRU" DE ADVERTÊNCIA

Continuando na suposição acima formulada, pode acontecer, ao contrário, que de modo algum queiram receber os estranhos ou entrar em contacto com eles, com receio de danos ou inimizade, feitiço ou doenças. Para expressar essa atitude, fincam-se no caminho os sinais de advertência. São expressões de admoestação, de ameaça, de hostilidade, de um "alto lá!" e de uma ordem de retirada. Embora o Karaíb hoje em dia já não possua muitas qualidades guerreiras, tendo se tornado covarde e traiçoeiro em seu modo de guerrear, atacando apenas quando em superioridade numérica, não deixa de conservar

ainda certos costumes dos antepassados. Não mata sumariamente o seu adversário real ou suposto, mas chama-lhe primeiro a atenção, ameaça-o com certos sinais amedrontadores e dá-lhe, de início, oportunidade para retirar-se (o que, em geral, mais lhe agrada). Neste ponto conservou ainda algo da tradição de guerra de seus ancestrais, que, em muitos aspectos, realmente conheciam o *fair play,* mesmo na luta.

Geralmente o primeiro sinal de advertência e ameaça é o chamado *prauwe-kukúru* ou "sinal de flecha". Consiste numa vareta mais forte, fincada no meio da estrada, em pé, para indicar parada forçada: "Alto lá!". Na extremidade superior, é fendida, e nesta fenda se encaixa uma flecha do tipo *rahó,* flecha de taquara (fig. 2). Na realidade, é uma flecha de caça destinada a animais maiores (porcos, antas etc.), mas serve também para a guerra. Se há tempo suficiente, fabrica-se para o *prauwe-kukúru* uma flecha especial, chamada *kuhakpá,* flecha de guerra, destinada exclusivamente a matar homens. A *kuhakpá,* que é também de taquara, distingue-se, porém, da flecha de caça tanto na forma, como na colocação da ponta. Sempre, porém, a ponta da flecha do *prauwe-kukúru* é tinta com urucu para simbolizar o sangue. A flecha é dirigida na direção da qual se esperam os estranhos ou inimigos. Este *prauwe-kukúru* é quase sempre o primeiro "sinal de sangue" e de ameaça; fala a linguagem clara de uma atitude hostil. Deve ser interpretado da seguinte maneira: "Para trás! Aqui estão os homens da tribo (símbolo: vareta grossa, coletiva; *prêhnó-kukúru* ou *totó-kukúru* coletivo) para barrar-vos o caminho com as armas (símbolo: flechas dirigidas contra os ádvenas, no meio do caminho), que se tingirão com vosso sangue (símbolo: a ponta de flecha vermelha de urucu)". Ou, mais precisamente, na expressão do índio Muí: "Vai-te embora ou minha flecha te come!...".

Ao conhecedor da mata e de seus habitantes, este sinal é suficiente para que inicie a retirada. Mas pode acontecer ou que não se veja o *prauwe-kukúru* ou que os invasores não levem a advertência muito a sério ou, ainda, que a tomem como rebate falso, sem conseqüências. O índio, porém, que vê no prosseguimento da marcha e na aproximação, depois desse primeiro aviso, uma atitude hostil, põe, então, um segundo marco de parada forçada no caminho, o *kamí-kukúru,* ou "sinal de sangue", que pode ser feito de dois modos, sendo designado, conforme a variante, por *ptchíne,* ou seja, sinal de sangue "pequeno", ou por *akáne, akánro,* sinal de sangue "grande".

Também este sinal de sangue pequeno consiste em um pau fincado no meio do caminho. Ao redor da vareta, no centro, são amarrados alguns tufos de penas de arara vermelha (*kuyari*), as quais, mais uma vez, exprimem a idéia de sangue (fig. 3). O modo de ler

este *kamí-kukúru* é o mesmo já mencionado; mas ele é mais insistente: "Alto! Aqui estamos nós, os homens da tribo (símbolo: o *totó-kukúru* no meio da estrada). Para trás! Senão corre sangue! (símbolo: as penas vermelhas de arara)".

Mas existe, mesmo na opinião dos índios, gente "cabeçuda", que, atrevida demais, passa por cima de toda e qualquer advertência e ameaça. A inobservância do *prauwe-kukúru* e do *kamí-kukúru* dá ao índio a certeza da intenção hostil dos estranhos. Mesmo assim, o índio lhes dá ainda uma última oportunidade, na forma de uma admoestação que, ao mesmo tempo, eqüivale a uma declaração de guerra e sentença de morte. É o "grande" sinal de sangue, *kamí-kukúru akánro.* Novamente, no meio da estrada, finca-se uma vara mais grossa. Mas desta vez, colocam-se duas flechas do já mencionado tipo *rahó* ou *kuhakpá,* em forma de cruz. Elas são encaixadas na fenda da madeira ou simplesmente amarradas ao lado, de modo a fecharem a estrada, enquanto suas pontas são inclinadas para baixo como que provindo da mata vizinha (fig. 4).

Uma variante desse tipo consiste numa colocação diferente das flechas. Neste caso, não são amarradas uma sobre a outra, em forma de cruz, mas paralelamente, à direita e à esquerda do *prêhnó-kukúru,* endereçadas no rumo de onde devem vir os forasteiros (fig. 5). É, portanto, um *prauwe-kukúru* mais elaborado.

Em ambos os casos, porém, as pontas das flechas são abundantemente tintas com urucu e na emplumação ou também na ponta da amarração no *prêhnó-kukúru* coloca-se um novelo de entrecasca bem desfiada, da castanheira de macaco (provavelmente a *Couroupita guyanensis*). Ensopa-se bem este novelo com a seiva espremida da própria casca, misturada com água. Devido à colocação inclinada das flechas, o líquido escorre lentamente, flecha abaixo, até a ponta, colorindo-se com o urucu, e "a flecha pinga sangue". Este sinal é o último apelo e significa: "Parem aqui ou corre sangue! As nossas flechas vos alvejarão de ambos os lados da estrada e vos matarão!...".

Pelo sentido, uso tradicional e aplicação atual desses *kukúru,* sejam eles sinais amistosos e convidativos, sejam ameaçadores e hostis, pode-se concluir que os Karaíb de outrora devem ter tido um amplo código de civilidade e honra guerreira, do qual os atuais *kukúru* provavelmente não passam de fragmentos. De fato, os próprios índios contam que "os antigos", quer dizer, seus antepassados, possuíam e usavam muito maior número dessas convenções da mata, as quais, com o correr dos tempos, caíram em desuso e esquecimento. Aqui, como em muitos outros setores, observa-se mais uma vez o murchar e a decadência de uma cultura condenada a extinguir-se, mesmo sem a influência direta da civilização moderna.

Especialmente os sinais de advertência hostil podem ser de interesse, pois que permitem vislumbrar algo dos antigos costumes de guerra. Como se vê, pelos vários *kukúru* (*prauwe-* e *kamí-kukúru*) procura-se intimidar e amedrontar o inimigo real ou suposto. E obedecendo a estes sinais, o adversário tem a retirada franqueada. Hoje, pelo menos, não agrada ao índio tomar a iniciativa de lutas e contendas e — diga-se de passagem — na maioria dos casos realmente emprega esses sinais como rebate falso para enganar o adversário, especialmente quando se sente inferior, fraco e em posição desvantajosa.

Segundo a explicação dos Kachúyana, tanto os sinais indicativos de caminhos, como os *kukúru* propriamente ditos, são convenções "interkaraíb". São entendidos e usados por todas as tribos de seu mundo, que é o rio Trombetas e seus afluentes. Outrossim, que estes sinais são antiqüíssimos, arraigados pela tradição, e de grande valor prático na vida nas selvas, revela-o o simples fato de, mesmo entre os caçadores amazônicos da população cabocla e semicivilizada, de descendência indígena, o costume de as marcações de caminhos e rumos (*osma yatótpere; skarkátpere*) se conservar até hoje em uso com o mesmo sentido e na mesma forma de execução encontrados entre os índios Kachúyana e outras tribos do rio Trombetas.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

O USO DO PROPULSOR ENTRE AS TRIBOS DO ALTO XINGU(1)

EDUARDO GALVÃO (*)

O propulsor, ou palheta, para arremesso de dardos ou de flechas, é uma arma de ampla distribuição na América do Sul. Seu uso foi assinalado entre grupos indígenas, históricos ou modernos, da Colômbia, Venezuela, Equador, Peru, Chile, Argentina e Brasil (2).

No Brasil, o uso do propulsor é registrado para os habitantes indígenas do alto Amazonas, alto Xingu e rio Araguaia; existe evidência de sua utilização entre os Tapuya Orientais (3). Na região do alto Amazonas, o propulsor foi arma de grande voga até o século XVIII, quando caiu em desuso, substituído por outras armas, como sugere Nordenskiöld(4), ou porque as tribos que dele se utilizavam foram extintas. Nos rios Araguaia e Xingu, o uso do propulsor persistiu até o século atual. Nestas regiões, porém, o propulsor não serve a fins utilitários de caça ou de pesca, ou como arma de guerra. Sua função é cerimonial-desportiva; assim o "jogo dos Tapirapé" (5)

(1) Estas observações se referem diretamente aos índios Kamaiurá, habitantes do rio Culuene, um dos formadores do Xingu. Em 1947, foi organizada uma excursão etnográfica a esta região, por iniciativa do Museu Nacional e da Fundação Brasil Central. Para uma nota sobre os resultados desta viagem, ver: CARVALHO, J. C. DE MELO, LIMA, P., e GALVÃO, E., *Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingu*, Museu Nacional, Rio, 1949.

(*) Eduardo GALVÃO, "O uso do propulsor entre as tribos do alto Xingu", *Revista do Museu Paulista*, n. s., v. IV, São Paulo, 1950, p. 353-368. Reproduzido com autorização do autor.

(2) MÉTRAUX, 1949, *passim*; NORDENSKIÖLD, 1924, p. 62.

(3) MÉTRAUX, 1949.

(4) NORDENSKIÖLD, 1924.

(5) KRAUSE, 1941, p. 313; EHRENREICH, 1948, p. 46.